

Público

Colecção *Utopia & Conhecimento II*

Para estimular o pensamento de procura de um mundo melhor, mais diverso e inclusivo, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior em parceria com a Agência Nacional Erasmus+ Educação e Formação, a editora A Bela e o Monstro e o PÚBLICO, lançaram, em 2021, uma colecção que propunha um olhar sobre seis obras essenciais do Humanismo. A colecção *Utopia & Conhecimento* está agora de volta com sete títulos exclusivamente assinados por mulheres que deram e continuam a dar forma à construção do pensamento da Europa e do Mundo. Com a curadoria do livreiro alfarrabista e antropólogo Luís Gomes (Livraria Artes & Letras), a iniciativa recupera sete obras, de Maria Zambrano, Simone Weil, George Sand (Amandine Lucile Dupin), Rosa Luxemburgo, Grazia Deledda, Simone Beauvoir e Carolina Michaëlis de Vasconcelos, que constituem um património que é comum a todos nós. A não perder, todas as quintas-feiras, com o PÚBLICO, por mais 8,95 euros.

REPÚBLICA
PORTUGUESA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E ENSINO SUPERIOR

AGÊNCIA NACIONAL
erasmus+
PORTUGAL EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

ABELA E O
MONSTRO

A AGONIA DA EUROPA MÁRIA ZAMBRANO

1.º VOLUME
A Agonia da Europa
de Maria Zambrano
Quinta, 13 de Outubro

+8,95€
QUINTAS, A PARTIR
DE 13 DE OUT.
COM O PÚBLICO
P

REFLEXÕES SOBRE
AS CAUSAS DA
LIBERDADE E DA
OPRESSÃO SOCIAL
SIMONE WEIL

VALENTINA
GEORGE
SAND

REFORMA
OU
REVOLUÇÃO?
ROSA
LUXEMBURG

CLARO-ESCURO
CONTOS
GRAZIA
DELEDDA

O
EXISTENCIALISMO
E A SABEDORIA
DAS NAÇÕES
SIMONE
DE BEAUVOIR

A SAUDADE
PORTUGUESA
CAROLINA
MICHAËLIS DE
VASCONCELOS

Com o apoio de:

1 2 9 0
UNIVERSIDADE D
COIMBRA

COMPRE AQUI



CONHECER O PASSADO PARA IMAGINAR O FUTURO

Sete obras fundamentais do pensamento feminino

COLECÇÃO
UTOPIA & CONHECIMENTO II

SOBRE O PENSAMENTO NO FEMININO

A colecção *Utopia & Conhecimento* está de volta com sete títulos exclusivamente assinados por mulheres que deram e continuam a dar forma à construção do pensamento da Europa e do Mundo.

Em resposta a um inquérito sobre os direitos das mulheres, a extraordinária escritora italiana Grazia Deledda respondeu que, tal como um homem, uma mulher tem o direito a “pensar, escrever e trabalhar”. Nascida a 27 de Setembro de 1871, em Nuoro, na Sardenha a autora que, assina o quinto volume da presente colecção - a colectânea de contos *Claro-Escuro* - foi a segunda mulher a ser galardoada com o Prémio Nobel da Literatura, em 1926. Em Portugal, a sua obra era quase desconhecida até 2018 quando a Sibila Publicações editou três títulos desta singularíssima escritora, respectivamente, *Depois do Divórcio*, de 1902, *Marianna Sirca*, de 1915, e *Cinzas*, de 1904. Inês Pedrosa, fundadora da editora e que assina o prefácio do volume que agora é editado com o PÚBLICO, cumpria assim a “vocação” com que fundara a Sibila: “criei uma editora particularmente vocacionada para publicar obras de escritoras porque, ainda hoje, o trabalho artístico e intelectual das mulheres continua a ser subestimado e desvalorizado”. Efectivamente, em pleno século XXI o caminho de valorização do pensamento feminino está ainda longe de ser percorrido na sua plenitude. A segunda edição da colecção *Utopia & Conhecimento* inscreve-se nesse esforço. Depois de no ano passado, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior em parceria com a Agência Nacional Erasmus+ Educação e Formação, a editora A Bela e o Monstro e o PÚBLICO, terem lançado uma colecção que propunha um olhar sobre seis obras essenciais do Humanismo, a iniciativa é agora retomada, reunindo sete títulos exclusivamente assinados por mulheres, que deram e continuam a dar forma à construção do pensamento da Europa e do Mundo. Com a curadoria do livreiro alfarrabista e antropólogo Luís Gomes, a colecção recupera sete obras que constituem um património que é comum a todos nós. A abrir a colecção a escritora espanhola María Zambrano reflecte sobre a “A Agonia da Europa” num texto, que no actual contexto de conflito entre a Rússia e a Ucrânia parece ganhar uma renovada actualidade. “Para quem como nós testemunha continuamente, há mais de quatro meses, os dias amargos da invasão da Ucrânia

pelas tropas do Kremlin de Moscovo, o título da obra que o leitor tem entre mãos acarreta, desde logo, uma poderosa ressonância, que impele à sua leitura. O facto de não ter sido escrita agora em nada diminui o nosso interesse, tanto mais que os acontecimentos hodiernos nos reavivam a memória das atrocidades vividas na Europa dos finais dos anos trinta e da primeira metade dos anos quarenta do século XX e, inevitavelmente, interrogamo-nos, também nós, pelos antecedentes, factores e ingredientes da situação em que vivemos”, refere a docente Margarida I. Almeida Amoedo no prefácio do volume. Segue-se *Reflexões sobre as causas da Liberdade e da Opressão Social*, de Simone Weil, em que a autora parte de uma profunda análise da natureza da nossa liberdade individual, para explicar como, nos sistemas políticos ou agrupamentos sociais em que vivemos, e nos moldes em que os concebemos, a liberdade é um paradoxo e a opressão uma fatalidade. Liberdade, opressão, inconformidade, emancipação feminina são temas de que George Sand, o nome masculino adoptado por Amandine Aurore Lucile Dupin, baronesa de Dudevant, se viria a ocupar na sua vasta obra mas que se deixam já antever em *Valentina*, o romance que constitui o terceiro volume da colecção. Já a filósofa e economista marxista polaco-alemã, Rosa Luxemburgo, assina o quarto volume *Reforma ou Revolução?*. Publicado, pela primeira vez, sob a forma livro em 1899, reúne duas séries de artigos que a autora publicou no jornal mais popular de Leipzig - o *Leipziger Volkszeitung* - em Setembro de 1898 (Parte I) e em Abril de 1899 (Parte II). A presente tradução baseia-se numa segunda edição do livro, de 1908, revista pela própria escritora, cujas convicções políticas a conduziram à morte por fuzilamento em 1919. “A liberdade é a liberdade daquele que pensa de forma diferente”, afirmou. E, foi “essa a liberdade que toda a sua vida exerceu - e pela qual se dispôs morrer”, conclui Fátima Vieira no prefácio de *Reforma ou Revolução?*. Inconformadas com os limites impostos à sua condição feminina, Grazia Deledda e Simone Beauvoir estão também presentes na colecção com *Claro-Escuro* e *O Existencialismo e a Sabedoria das Nações*, respectivamente. À crítica literária, escritora e lexicógrafa portuguesa Carolina Michaëlis de Vasconcelos, a primeira mulher a leccionar numa universidade nacional, cabe a honra de encerramento da colecção com *A Saudade Portuguesa*.

As autoras



María Zambrano



Simone Weil



Rosa Luxemburgo



Grazia Deledda



Simone Beauvoir



Carolina Michaëlis

María Zambrano

María Zambrano nasceu em Vélez-Málaga, em Abril de 1904. Além de ter contactado com as grandes figuras espanholas, desde Ortega y Gasset a Antonio Machado, esteve na primeira linha dos acontecimentos importantes do seu país. Tomou partido e envolveu-se social, política e culturalmente. Foi radical e coerente nas suas convicções. Viajou durante quase toda a vida, juntando ao saber literário e escolar a enorme vivência social e de viajante incansável.

Simone Weil

Simone Weil nasceu em Paris em 1909. Nascida no seio de uma família judia agnóstica, Weil foi uma das pensadoras mais audazes e originais do século XX. Formou-se em filosofia na École Normale Supérieure. Aos 22 anos, quando ensinava filosofia no liceu de uma cidade mineira francesa, decide viver com os cinco francos por dia que os desempregados recebiam (entregando o resto à caixa dos mineiros), a fim de poder falar com conhecimento de causa da condição operária. Trabalhou ainda nas fábricas metalúrgicas de Paris. Passou por Espanha, Nova Iorque e Londres, onde morreu em 1943, com apenas 34 anos. Foi filósofa, mística, pacifista, anarquista e activista; uma das mentes mais brilhantes do século XX, “o único grande espírito do nosso tempo”, segundo Camus, com “um coração capaz de bater por meio do universo inteiro”, na descrição de Simone Beauvoir.

George Sand (Amandine Lucile Dupin)

George Sand, pseudónimo de Amandine Dupin, baronesa de Dudevant impôs-se como um dos maiores nomes da literatura francesa, criando uma vasta obra composta por 68 romances, e ainda textos políticos, peças de teatro, memórias e livros de viagens. Aos vinte e sete anos já era o “escritor” mais popular da Europa, ultrapassando a notoriedade de Victor Hugo e Balzac, que muito a admiravam. Dupin conseguiu o raríssimo feito de ser simultaneamente popular e prestigiada, e foi a primeira mulher a conseguir sustentar-se através da escrita. Henry James elogiou-lhe o talento e o “grande estilo”, Dostoiévski traduziu-a e homenageou-a, e a sua obra continua a ser referida nos livros de autores contemporâneos como A. S. Byatt.

Rosa Luxemburgo

Nascida em 1871, Rosa Luxemburgo foi uma revolucionária teórica marxista polaca, naturalizada alemã. Cresceu na Polónia dominada pela Rússia czarista e foi desde logo cedo atraída para as lutas estudantis contra o regime. Aos

19 anos fugiu da perseguição política, refugiando-se em Zurique. Tornou-se uma destacada dirigente do movimento comunista internacional na Alemanha.

Grazia Deledda

Romancista da escola naturalista italiana nascida a 27 de Setembro de 1875, na Sardenha e falecida a 15 de Agosto de 1936, em Roma. Foi a primeira mulher italiana a ser galardoada com o Prémio Nobel da Literatura em 1926 e a segunda de sempre (a primeira foi a sueca Selma Lagerlöf). Começou a sua carreira de escritora muito cedo: aos treze anos viu os seus contos serem publicados em Roma, assim como a sua primeira novela *Fior di Sardegna*. A sua primeira obra de sucesso foi *Elias Portolú* (1903), cujo tema se relaciona com um amor impossível - um pastor apaixonou-se pela noiva do irmão e escolhe refugiar-se na condição de padre, mas o irmão falece e surge o conflito entre o amor e o dever. *Dopo il divorzio* (Depois do Divórcio, 1902) e *La madre* (A Mãe, 1920) contam-se entre as suas outras obras importantes.

Simone Beauvoir

Simone de Beauvoir nasceu em Paris, no seio de uma família burguesa, e era a mais velha de duas irmãs. Estudou Filosofia na Sorbonne, onde conheceu Sartre, companheiro de toda a vida e com quem viveu uma relação célebre pelos seus padrões de abertura e honestidade. No final da Segunda Guerra Mundial, editou a revista política *Les Temps Modernes*, fundada por Sartre e por Merleau-Ponty, entre outros. Foi activista no movimento francês de emancipação das mulheres, nos anos de 1970, e serviu de modelo e de influência aos movimentos feministas posteriores. Autora de uma vasta obra literária, filosófica e autobiográfica, Simone de Beauvoir publicou, em 1949, *O Segundo Sexo*, texto basilar do feminismo contemporâneo.

Carolina Michaëlis

Romancista, filóloga e historiadora da literatura portuguesa, nascida em 1851, em Berlim, e falecida em 1925, no Porto. Publicou trabalhos na área da língua e literaturas italiana e espanhola com apenas 16 anos e cedo se tornou conhecida nos meios intelectuais europeus. Foi a primeira mulher a leccionar numa universidade portuguesa, na Universidade de Coimbra, desenvolvendo o seu trabalho de investigação no âmbito da cultura portuguesa medieval e quinhentista e foi, a par com a escritora Maria Amália Vaz de Carvalho, uma das primeiras mulheres a ser admitida na Academia de Ciências de Lisboa, em 1912.

A HISTÓRIA QUE NÃO GUARDOU AS MULHERES

Quando escreveu *Reforma ou Revolução*, Rosa Luxemburgo tinha 28 anos. Não fosse a idade surpreendente, relembramos que era mulher e publicou com o seu nome. Em 1899, algo raro na sociedade da época. A participação das mulheres na construção do pensamento social e científico é tão antiga quanto a própria ciência, mas eram usualmente silenciadas. Desde a paleontóloga Mary Anning (1799-1847) que marcou uma viragem nas descobertas de fósseis de dinossauros (ignorada por ser mulher, pobre e não anglicana), até a matemática Ada Lovelace (1815-1852), considerada precursora da programação informática. Também a austríaca Lisa Meitner viu-se excluída do Nobel da Física em 1944, entregue ao seu colaborador Otto Hahn, apesar do seu papel no descobrimento da fissão nuclear. As histórias da imposição de papéis de género sucedem-se ao longo dos tempos. Só no final do século XIX é que a ascensão da faculdade de mulheres possibilitou algumas oportunidades. Marie Curie foi a primeira mulher a receber um Prémio Nobel em 1903 (em física) e recebeu-o novamente em 1911 pelo seu trabalho em química, ambos sobre radiação. Nesta semana em que se atribuíram os prémios Nobel, recordamos que dos 975 laureados, apenas 58 são mulheres, uns ínfimos 5,9%.

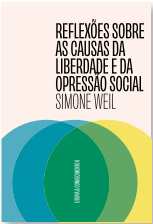
A história dá-nos contexto para a actualidade. Segundo dados das Nações Unidas, a nível mundial, em média, as mulheres recebem normalmente bolsas de investigação de valor inferior às dos seus colegas masculinos, embora representem 33,3% de todos os investigadores, mas apenas 12% dos membros das academias científicas. Em Portugal, a situação é mais positiva: as mulheres representam 45% do total de investigadores cujo trabalho tem sido fundamental para o progresso das Ciências (também sociais) e da Tecnologia, sendo que o número aumenta para 52% se falarmos unicamente das ciências exactas, segundos dados do Eurostat. Estes resultados são corroborados pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE): o número de portuguesas que estudam ciências, tecnologia, engenharia ou matemática, é superior ao dos homens nas mesmas áreas. Na biologia, a esmagadora maioria é mulher. Mas se os números parecem animadores, deixam de o ser quando olhamos para a liderança. As mulheres continuam sub-representadas à frente dos laboratórios onde trabalham, ficando com tarefas de menor visibilidade, tendo acesso a menos oportunidades. Ainda há um longo caminho a percorrer.

A COLECÇÃO



Volume 1
A Agonia da Europa
De Maria Zambrano
13 de Outubro

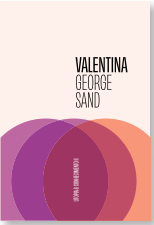
Diz Maria Zambrano neste seu livro que o europeu “é o único homem que, vivendo numa religião, não se dispõe a servir de pasto aos deuses, nem sequer ao Deus que se sacrificou por ele. Pelo contrário, quis fundar a sua história, a sua própria criação, acima de tudo.” O resultado disso talvez seja precisamente a agonia da Europa, constatada pela autora desde finais da Segunda Guerra Mundial. “Desde há bastantes anos”, relata na abertura do primeiro capítulo. “a afirmação é repetida: a Europa está em decadência. Mas agora já não parece necessário afirmar tal coisa. Muitas pessoas que nisso crêem referem-se ao caso com uma frase velada e um sorriso irónico, como que aludindo a um segredo já tão divulgado que até se torna mais elegante e misericordioso tentar encobri-lo”. *A Agonia da Europa* é a sua explicação do que nos trouxe até à presente decadência. Uma análise, ao mesmo tempo, implacável e repleta de compaixão que, no presente momento, onde a guerra na Ucrânia faz as manchetes diárias, ganha uma nova actualidade.



Volume 2
Reflexões sobre as causas da Liberdade e da Opressão Social
De Simone Weil
20 de Outubro

Considerado pela autora como um dos seus textos mais importantes, *Reflexões sobre as Causas da Liberdade e da Opressão Social* (1934) parte de uma profunda análise da natureza da nossa liberdade individual para explicar como, nos sistemas políticos ou agrupamentos sociais em que vivemos, e nos moldes em que os concebemos, a liberdade é um paradoxo e a opressão uma fatalidade. Weil vai da teoria às implicações práticas de tal concepção, revelando as múltiplas formas de opressão e dissecando os seus mecanismos, deitando por terra as esperanças numa resposta revolucionária – refém dos mesmos me-

canismos, inerentes à condição humana. Nesta feroz crítica do poder, das elites e da burocracia que germinam em qualquer regime – do capitalismo ao estalinismo –, vislumbra-se uma profética luz ao fundo do túnel. Weil escreveu estas reflexões em 1934; mas, se acreditarmos na sua ideia de que “o futuro é feito da mesma matéria que o presente”, temos boas razões para nunca a deixar de ler.



Volume 3
Valentina
De George Sand
(Amandine Lucile Dupin)
27 de Outubro

Publicada em 1832, *Valentina* foi a segunda obra assinada com o nome de “George Sand” e faz parte de um conjunto de romances, com *Indiana* e *Lélia*, que abalaram a França da época, pela suposta revolta face à condição feminina de então. A obra, diz-nos a investigadora Maria de Fátima Outeirinho, no prefácio da mesma, “é a ilustração do romance romântico que trabalha a paixão ardente, o conflito entre o socialmente aceitável e a autenticidade do amor experimentado, um amor atormentado e desesperado que culminará na morte dos amantes”. Porém, “não se esgota de todo no entrecho amoroso. A protagonista que dá nome à obra é uma figura de mulher pensante, mulher capaz de refletir sobre a educação feminina recebida e suas limitações, consciente do seu destino como mulher – casar-se, ter um lar, ter filhos –, mas também com ódio à intolerância e ao desprezo pelos preconceitos”. A visão emancipada da mulher, a denúncia da desigualdade entre os sexos e a vontade utópica de aproximação entre classes serão linhas condutoras da obra da escritora que este romance já anuncia.



Volume 4
Reforma ou Revolução
De Rosa Luxemburgo
3 de Novembro

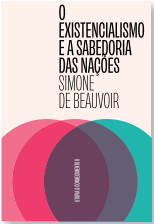
O quarto volume da colecção edita *Reforma ou Revolução*, de Rosa Luxemburgo, um clássico da teoria re-

volucionária e uma crítica à revisão da teoria marxista feita por Eduard Bernstein. A social-democracia, dizia Bernstein, devia deixar de ser o partido da revolução social, tornando-se o partido da reforma social. Isso era a expressão teórica de um movimento de integração do partido à ordem capitalista. Coube à Rosa Luxemburgo enfrentar este debate em numa série de artigos que resultaram neste livro, cuja primeira edição é de 1900. Neles demonstra – retomando os elementos centrais da crítica da Economia Política – a necessidade da ruptura revolucionária para se instaurar o socialismo.



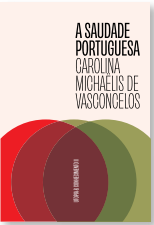
Volume 5
Claro-Escuro
De Grazia Deledda
10 de Novembro

Publicado, em Portugal, pela editorial Gleba em 1945, *Claro-Escuro* reúne vinte e cinco contos que descrevem pormenorizadamente festejos, rituais e hábitos da Sardenha, a ilha natal de Grazia Deledda. A obra “responde à vocação política e ética da literatura: dar voz aos deserdados. São histórias de gente muito pobre, mulheres, homens, velhos e novos, que passam fome. A miséria, como o amor, não tem exterior. A injustiça paira como uma ave de rapina sobre os crepúsculos deslumbrantes e aterradores das montanhas da Sardenha, fazendo dos pobres o bode expiatório universal do crime e da culpa”, escreve no prefácio da obra a escritora e tradutora, Inês Pedrosa. “O círculo da fome é como uma muralha de castelo que une as personagens destes contos – personagens que, nalguns casos, transitam de conto para conto, em momentos diferentes das suas vidas agrestes. O mundo de Deledda é um mundo de sentimentos e impulsos brutos, o mundo da sobrevivência e da verdade sem adornos”.



Volume 6
O existencialismo e a sabedoria das nações
De Simone Beauvoir
17 de Novembro

Publicado em Portugal em 1967, pela Editorial Estampa, o livro *O existencialismo e a sabedoria das nações* recupera textos, “totalmente empenhados e totalmente livres”, publicados em *Les Temps Modernes*, revista que Sartre e Beauvoir fundaram em 1945. Neles, a autora reivindica-se solidária das circunstâncias em que intervém, e faz dessa solidariedade uma ocasião e um objecto de pensamento. O primeiro, e que dá título ao livro, saiu em Dezembro de 1945, pouco tempo depois da criação da revista e os outros três, *Idealismo moral e realismo político*, *Literatura e metafísica* e *Olho por olho*, ao longo do ano de 1946. “Os capítulos abordam temas muito diferentes, como o existencialismo e as ideias que circulam sobre ele, por altura da sua criação como corrente filosófica, a moral e a política, a literatura e a metafísica e ainda os sentimentos extremos que surgiram com a ocupação do país, em 1940”, lê-se no prefácio desta edição.



Volume 7
A Saudade Portuguesa
De Carolina Michaëlis de Vasconcelos
24 de Novembro

Com o título *A Saudade Portuguesa*. *Divagações filológicas e literar-históricas em volta de Inês de Castro e do Cantar Velho “Saudade minha – ¿Quando te veria?”*, esta obra de Carolina Michaëlis de Vasconcelos foi publicada pela primeira vez em 1914 numa edição da Renascença Portuguesa. A pedido de um erudito espanhol que estava a preparar uma edição crítica sobre a peça castelhana sobre Inês de Castro *Reinar después de morir*, da autoria de Luis Vélez de Guevara, a autora traça uma explicação da origem da canção portuguesa “Saudade minha” inserida na obra. “Após ter transmitido ao erudito espanhol as informações pedidas sobre o Velho Cantar, suficientes para o aparato crítico da edição que este prepara, mas insuficientes ‘para Portugal, onde de um tempo para cá poetas e filósofos se ocupam com fervor da psicologia da alma nacional, e do sentimento doce-amargo que lhes parece ser o traço mais característico da apaixonada ternura portuguesa”, refere no prefácio do volume a investigadora Maria Manuela Gouveia Delillee, “Carolina propõe-se ‘acabar com aquelas parcelas da matéria [...] que dizem respeito à Saudade antiga’”. O resultado é o último volume da colecção *Utopia & Conhecimento II*.